ISSN: 2358-8829

DIÁLOGO, CONHECIMENTO E EMANCIPAÇÃO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS NAS PEDAGOGIAS DE FREINET E FREIRE

Flávio Boleiz Júnior [1]
Adriana de Vasconcelos Cavalcanti [2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui um recorte analítico em andamento da minha tese de doutorado, elaborado por mim e por meu coorientador, o professor Flávio Boleiz Júnior. Nosso sentimento é de continuidade do trabalho que começou ainda na graduação em Pedagogia, quando iniciamos esta parceria nos estudos sobre as teorias e obras de Célestin Freinet e Paulo Freire. Nesse sentido, fomos tomados pela urgência de repensar os rumos da educação que encontramos hoje, em um cenário marcado por tendências e políticas neoliberais que reduzem a escola a um lugar de produção de competências mercadológicas e pouco reflexivas e emancipadoras. Assim, sentimos a necessidade real de retornar aos clássicos de Freire e de Freinet, por meio das obras *Pedagogia do Oprimido* (2019) e *A Educação pelo Trabalho* (1998), para resgatar o sentido humanizador do ato educativo.

É nesse horizonte que a presente pesquisa se insere, tendo como eixo central a investigação do diálogo não como simples ferramenta de facilitação didática, mas como categoria epistemológica fundante da produção do conhecimento e da constituição de sujeitos críticos.

O problema que orienta este percurso investigativo surge das nossas inquietações sobre a pesquisa: é pensar em como romper definitivamente com as amarras da educação bancária e autoritária, ainda tão presente nas salas de aula, e instaurar práticas

[1] Professor do Curso de Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, flavio.boleiz@ufrn.br;
[2] Pós-Graduanda do Curso de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, adriana.cavalcanti@ufrn.br;

ISSN: 2358-8829

pedagógicas fundamentadas no diálogo, na cooperação e na emancipação. Para responder a essa questão, decidimos articular as contribuições teóricas de dois grandes educadores que dedicaram suas vidas ao fazer educativo transformador e à transformação da escola em um espaço de vida e de liberdade.

Para sustentar teoricamente nossa análise, provocamos o diálogo de Freinet e Freire com o construtivismo sócio-histórico de Lev Vygotsky, especialmente no que tange à centralidade da mediação social e da linguagem no desenvolvimento humano, e com a teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas, buscando compreender como o entendimento intersubjetivo é capaz de fundamentar relações democráticas.

O objetivo principal deste estudo é analisar o diálogo como processo educativo estruturante nas pedagogias de Freinet e Freire, desvelando suas dimensões epistemológicas, éticas e políticas. Acreditamos que, ao trazer esta reflexão para o escopo da tese, não estamos apenas produzindo um texto acadêmico, mas reafirmando o nosso compromisso ético com uma educação que liberta, conscientiza e humaniza.

Neste estudo, decidimos aprofundar o olhar sobre o diálogo não apenas como uma ferramenta didática ou uma conversa amigável em sala de aula, mas como uma categoria epistemológica fundante. Para isso, unimos as contribuições freirianas e freinetianas das obras escolhidas para fundamentar nossa caminhada. Nosso objetivo com esta pesquisa teórica, de natureza qualitativa e interpretativa, é compreender como o diálogo se materializa nas práticas cooperativas de Freinet e ganha dimensão ética, política e ontológica na pedagogia de Freire, tendo como pano de fundo as lentes da mediação social de Lev Vygotsky e da teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas. Queremos demonstrar que o diálogo é o caminho indispensável para a formação de sujeitos autônomos e para a transformação social.

METODOLOGIA

Para materializar este estudo, adotamos uma abordagem de natureza qualitativa, fundamentada na pesquisa teórico-bibliográfica e interpretativa. Escolhemos este caminho metodológico porque ele nos permite mergulhar profundamente nas obras clássicas dos autores investigados, indo além da mera descrição para alcançar a

ISSN: 2358-8829

compreensão crítica dos conceitos. O percurso metodológico da pesquisa foi estruturado em três grandes movimentos analíticos:

O primeiro movimento consistiu na demarcação conceitual do diálogo, compreendendo-o não como uma técnica mecânica de troca de palavras, mas como uma categoria epistemológica indispensável para a construção dialógica da educação de todos os envolvidos no processo educativo.

O segundo movimento dedicou-se à análise da materialização prática desse diálogo na pedagogia freinetiana, investigando como as técnicas, as cooperativas escolares e o trabalho transformam a sala de aula em uma comunidade viva, que acontece por meio dos diálogos entre os pares.

O terceiro movimento debruçou-se sobre a pedagogia freiriana, desbravando a centralidade ontológica, política e ética do diálogo vinculado indissoluvelmente à práxis e à transformação social.

Para enriquecer a análise e evitar reducionismos, buscamos, por meio da articulação teórica, aproximações entre o processo que pesquisamos, os autores e suas ideias, dialogando permanentemente com os conceitos de mediação e linguagem de Lev Vygotsky e com a racionalidade comunicativa de Jürgen Habermas. Dessa forma, garantimos que o rigor metodológico caminhe de mãos dadas com a densidade filosófica e pedagógica que o trabalho exige.

REFERENCIAL TEÓRICO

A necessidade de construir este embasamento teórico emergiu do desejo de tecermos uma rede conceitual na qual Célestin Freinet, Paulo Freire, Lev Vygotsky e Jürgen Habermas pudessem dialogar criticamente. O intuito é que cada autor ilumine, reciprocamente, as dimensões teóricas e práticas do diálogo e da formação humana, tomando o diálogo não como mero recurso pedagógico ou meio instrumental, mas sim como uma verdadeira categoria epistemológica.

Para sustentar essa artesania, partimos da premissa habermasiana de que a linguagem ultrapassa a simples transmissão de informações ou a mera descrição de fatos objetivos; ela constitui o meio pelo qual os sujeitos interagem e buscam um entendimento mútuo pautado naquilo que é realmente legítimo, importante e significativo para o

ISSN: 2358-8829

processo educativo. Habermas, ao formular a Teoria da Ação Comunicativa, nos mostra que existe uma grande diferença entre usar a palavra para controlar e obter resultados tratando os estudantes como meros receptores, e usá-la para construir o entendimento, onde o diálogo é aberto e todos têm voz para decidir juntos.

Em nossa leitura, a concepção de diálogo presente em Freire e Freinet encontra eco profundo na ação comunicativa habermasiana. Todos esses autores, a partir de suas respectivas matrizes teóricas e contextos de atuação, rejeitam a imposição dogmática, o autoritarismo e a desumanização decorrentes da negação de uma prática educativa reflexiva e emancipadora. Habermas nos oferece a sustentação filosófica ao demonstrar que a racionalidade humana se realiza na interação comunicativa. Nesse sentido, o autor aposta na força do diálogo genuíno e no encontro entre sujeitos que se reconhecem de igual para igual, em uma relação de intersubjetividade horizontal na qual a única força legítima é o poder vinculante da comunicação entre os pares e suas ideias.

Nesse viés, ao afastar o autoritarismo da sala de aula, compreendemos que o espaço educativo se transforma em uma esfera dialógica em miniatura; nela, validam-se as pretensões de verdade, veracidade e correção normativa a partir da participação democrática dos sujeitos. A fala deixa de ser um privilégio do educador e passa a ser o terreno compartilhado da construção do saber.

Para entender como o diálogo constrói nossa forma de pensar e quem nós somos, trazemos a contribuição de Lev Vygotsky sobre a linguagem e a convivência. Vygotsky nos lembra que a mente humana não nasce pronta pela biologia, nem é apenas um espelho do meio em que vivemos. Nós nos construímos ao longo da vida por meio do contato com os outros e do uso dos símbolos e das palavras.

Nessa perspectiva, o diálogo não serve apenas para repetir matérias e conceitos prontos; ele é a principal ferramenta para nos reconhecermos como sujeitos, para organizar o pensamento e para construirmos a apreensão do conhecimento do mundo. Em Vygotsky, fica claro que as nossas capacidades de pensar, focar a atenção e ter memória consciente nascem primeiro nas trocas e nas conversas com as outras pessoas, para só depois se tornarem parte da nossa forma individual de pensar.

Nesse sentido, voltando-nos para o ambiente educativo, a fala e a escuta não são eventos acidentais ou periféricos na escola; constituem os elos indispensáveis que transformam o indivíduo biológico em um sujeito histórico-cultural. Ao dialogar, a

ISSN: 2358-8829

criança não apenas comunica o que sabe, mas reestrutura suas próprias formas de pensar. A mediação pedagógica, portanto, é essencialmente uma mediação comunicativa e simbólica. O professor e os pares atuam na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) justamente pela palavra compartilhada, garantindo que o aprendizado alavanque o desenvolvimento psíquico e emancipe o estudante da passividade cognitiva.

Se Habermas nos dá o arcabouço filosófico da comunicação e Vygotsky nos fornece a base psicopedagógica da mediação, no universo de Célestin Freinet compreendemos que o diálogo não fica restrito ao plano abstrato ou à teorização idealista. Em sua obra clássica *A Educação pelo Trabalho* (1998), Freinet nos convida a romper com a escola tradicional e passiva, ancorando a aprendizagem na vida e na atividade coletiva. Como o autor aponta, "o trabalho escolar deve ser centrado na vida e nos interesses da criança", em que técnicas como o texto livre, a imprensa escolar e as assembleias dão materialidade concreta à expressão e à cooperação.

Freinet nos ensina que a escola deve ser centrada no trabalho, na vida e nos interesses reais dos educandos. A sua "Pedagogia do Trabalho" rompe drasticamente com a passividade da carteira escolar tradicional, na qual o silêncio forçado é interpretado como disciplina e a imobilidade como atenção. Ao valorizar o tateamento experimental, Freinet reconhece que a criança aprende agindo, testando, errando, criando e, fundamentalmente, comunicando suas descobertas aos pares.

O texto livre e a imprensa escolar, por exemplo, desprivatizam a escrita e a leitura, retirando do professor o papel de único destinatário da produção infantil. O aluno escreve para ser lido pela comunidade escolar, e a assembleia de classe converte-se no espaço soberano onde os conflitos são negociados, os projetos são planejados e as regras de convivência são pactuadas. A cooperação freinetiana demonstra que o diálogo ético e comunicativo demanda arranjos institucionais e materiais concretos dentro da escola, garantindo que a expressão livre da criança seja o motor de sua própria humanização.

Em consonância com essa busca por humanização, ao adentrarmos a obra *Pedagogia do Oprimido* (2019), de Paulo Freire, o diálogo assume a sua veste mais radical e ontológica: a de uma exigência existencial. Para o autor, "o diálogo é uma exigência que se arraiga nas raízes humanas, é um ato de amor, de humildade e de fé", de modo que "não há verdadeira palavra que não seja práxis". Sem diálogo não há verdadeira comunicação, e sem comunicação não há educação autêntica. O diálogo freireano

ISSN: 2358-8829

contrapõe-se frontalmente à concepção "bancária" de educação, na qual o saber é depositado por quem julga ser sábio sobre aqueles que são considerados ignorantes, perpetuando uma lógica de dominação e silenciamento.

Na nossa investigação, enfatizamos que, para Freire, o diálogo não pode ser reduzido a um mero truque metodológico para tornar a aula mais agradável ou a uma técnica de persuasão. Ao contrário, ele exige condições éticas profundas, como a amorosidade, a fé nos seres humanos e a esperança. Dialogar exige a humildade de reconhecer que ninguém sabe tudo e ninguém tudo ignora; exige a fé de que as pessoas são capazes de dizer a sua palavra e de transformar o mundo.

Compreendemos que o diálogo freireano é o motor da conscientização, pois articula dialeticamente a reflexão e a ação sobre a realidade para transformá-la — o que Freire denomina de práxis. É por meio da práxis dialogada que os educandos desvelam as contradições sociais, superam a consciência ingênua ou fanatizada e conquistam a consciência crítica. Trata-se de uma luta intransigente contra a opressão e a desumanização.

Ao colocar Freinet, Freire, Vygotsky e Habermas em diálogo, encontramos uma convergência conceitual potente. Apreendemos que a educação humanizadora é intrinsecamente dialógica, cooperativa e mediatizada pela linguagem. Podemos então averiguar que Habermas nos garante o fundamento ético-normativo de uma razão intersubjetiva que busca a emancipação sem coação; Vygotsky nos mostra a gênese psíquica e cultural desse processo, provando que o desenvolvimento do pensamento crítico depende da mediação simbólica e da relação com o outro; Freinet encarna esses princípios na práxis pedagógica cotidiana por meio de técnicas cooperativas e da livre expressão dos estudantes; e Freire eleva a conversa a um compromisso político e existencial irrevogável, tornando o diálogo o motor da práxis e da libertação.

Unir esses referenciais permite compreender que a sala de aula não é um local de difusão passiva de conteúdos acadêmicos, mas sim um espaço ético, político e cultural de escuta, reflexão crítica e ação coletiva. É nessa intersecção que o diálogo se consolida como a categoria epistemológica central da formação humana integral.

ISSN: 2358-8829

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao confrontarmos os dados teóricos levantados ao longo desta pesquisa, os resultados parciais da tese revelaram achados fundamentais que demonstram a potência convergente e complementar das pedagogias de Freinet e Freire. Percebemos claramente que, embora oriundos de contextos distintos, Freinet marcado pela renovação do trabalho escolar na França e Freire enraizado na luta contra o analfabetismo e a opressão estrutural na América Latina, ambos os autores convergem ao recusar categoricamente os modelos pedagógicos transmissivos, autoritários e bancários.

No entanto, a forma como o diálogo se ramifica na prática pedagógica apresenta nuances interessantes para o processo educativo. Em Freinet, amparado nos princípios de *A Educação pelo Trabalho* (1998), o diálogo ganha contornos de concretude institucional e metodológica. Os resultados da nossa análise mostram que a cooperação e a organização autônoma e democrática do trabalho escolar (como nas assembleias e nos textos livres) funcionam como o "chão" onde o diálogo acontece. A criança aprende a expressar-se e a respeitar o outro porque a estrutura da aula está desenhada para a responsabilidade coletiva.

Em Freire, fundamentado nas premissas de *Pedagogia do Oprimido* (2019), o diálogo transcende a técnica e assume uma dimensão ontológica e política irredutível. Na discussão teórica que empreendemos, fica evidente que o ato de dialogar é o modo de ser do humano inacabado que busca ser mais. O diálogo freireano é um ato de coragem que desafia as estruturas de poder hegemônicas, transformando a palavra em arma legítima de emancipação e libertação.

Articulando esses achados com Vygotsky e Habermas, argumentamos que a práxis pedagógica crítica só é possível quando a sala de aula se torna um autêntico espaço de desalienação comunicativa. Quando a mediação pedagógica deixa de ser diretiva e verticalizada, ela abre espaço para que os sujeitos da aprendizagem recriem o mundo pela palavra dialogada. É esta a síntese que defendemos como eixo estruturante de uma educação verdadeiramente democrática.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos ao fechamento deste artigo, compreendido como um passo a mais na construção sólida da pesquisa, sentimos uma profunda sensação de clareza teórica e renovação militante. A jornada investigativa empreendida nos permitiu reafirmar que o diálogo não pode continuar a ser tratado pelos educadores como um mero recurso metodológico opcional ou um enfeite retórico nos planos de aula.

Concluímos que, tanto na perspectiva de Célestin Freinet quanto na de Paulo Freire, revigoradas pelas lentes de Lev Vygotsky e Jürgen Habermas, o diálogo constitui a própria essência da práxis educativa crítica. Ele é mediação epistemológica que produz conhecimento legítimo, mediação ética que acolhe o outro na sua alteridade, e mediação política que ousa desestabilizar as engrenagens da opressão bancária.

Sentimos que este estudo deixa claro que a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de transformar a sociedade não ocorrerá em espaços educativos moldados pela domesticação e pelo silenciamento. Ao contrário, somente ao resgatarmos o diálogo radical, aquele que une palavra, ação, reflexão e afeto, poderemos dar sentido à nossa prática pedagógica. Continuaremos os desdobramentos desta tese convictos de que educar para a liberdade continua sendo o ato mais revolucionário que podemos realizar.

ISSN: 2358-8829

REFERÊNCIAS

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa**. Madrid: Taurus, 2010.

FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.